

ANA PAULA RIGOBELLO FARRES

Orientadora: Silvana Venâncio

**“AS FESTAS POPULARES E AS DANÇAS FOLCLÓRICAS DA
REGIÃO SUDESTE: UMA ABORDAGEM DESCRITIVA.”**

Universidade Estadual de Campinas

Dezembro/2000

ANA PAULA RIGOBELLO FARRES

**“AS FESTAS POPULARES E AS DANÇAS FOLCÓRICAS DA
REGIÃO SUDESTE: UMA ABORDAGEM DESCRITIVA”**

Trabalho de conclusão do curso de Educação
Física da Universidade Estadual de Campinas,
da modalidade de Licenciatura, sob a orientação
da Professora Doutora Silvana Venâncio.

Universidade Estadual de Campinas

Dezembro/2000.

“Inda ontem o senhor me perguntava da Folia de Santos Reis que a gente vimos em Caldas: ‘ Ciço, como é que um menino aprende o cantorio? As respostas? Pois o senhor mesmo viu costume. Eu precisei lhe ensinar? Menino tão ali, vai vendo um, outro, acompanha o pai, um tio. Olha, aprende. Tem inclinação prum cantorio? Prum Instrumento? Canta, tá aprendendo; pega, toca, tá aprendendo. Toca uma caixa (tambor de Folia de Reis), tá aprendendo a caixa; faz um tipe (tipo de voz do cantorieiro), tá aprendendo cantar. Vai assim no, no ato, no seguir do acontecido. Agora nisso tudo tem educação dentro, não tem? Pode não ter um estudo. Um tipo dum estudo pode ser que não tenha. Mas se ele não sabia e ficou sabendo é porque no acontecido tinha uma lição escondida. Não é uma escola; não tem um professor assim na frente com o nome professor. Não tem...Você vai juntano, vai juntano e no fim dá o saber do roceiro, que é um tudo que a gente precisa pra viver a vida conforme Deus é servido.”

(Antônio Cícero de Souza).

AGRADECIMENTOS:

À minha orientadora Silvana Venâncio pela dedicação e paciência...

À minha amiga Alessandra Spagnol pela colaboração e pela ajuda no trabalho com o computador...

Aos meus pais, pois sem eles nada do que estou fazendo agora seria possível.

RESUMO

Uma das minhas principais inquietações era a preocupação com o possível desaparecimento das manifestações folclóricas. A sensação de que estávamos sendo “atropelados” pela tecnologia, me deixava um pouco incomodada. Foi pensando nesta questão que resolvi estudar sobre o folclore e suas formas de manifestação. Levando –se em consideração que os fatos folclóricos estão intimamente relacionados a vida diária das pessoas, percebi que com o passar do tempo eles se modificavam e se readaptavam, inseridos em um novo contexto. O referido estudo teve como eixo norteador a questão conceitual do folclore e da cultura popular, partindo para uma análise específica da Região Sudeste. O principal enfoque do trabalho foi em relação às Festas Populares e às Danças Folclóricas. A intenção é despertar o interesse do leitor para este tema, e talvez ir mais além: iniciar uma reflexão a respeito de como inseri-lo nas aulas de Educação Física.

SUMÁRIO:

Introdução.....	01
Cap. 1 – “O Folclore”	03
1.1 – O fato folclórico.....	07
Cap. 2 – “A Região Sudeste”	10
Cap. 3 – “As Festas e as Danças da Região Sudeste”	18
3.1 – Folclore e Modernismo.....	34
Conclusão.....	36
Referências Bibliográficas.....	38

INTRODUÇÃO:

Curiosamente quando pensamos na palavra folclore, acabamos por associá-la às manifestações populares que ocorriam, há muito tempo. Imaginamos o folclore como um grande apanhado de tradições e costumes, que eram transmitidos de geração para geração.

Costumamos entendê-lo como uma “cultura primitiva”, composta apenas de mitos, lendas e cantos das sociedades tribais, nos esquecendo também que ele está presente no nosso cotidiano.

Creio que esta seja uma visão muito simplista do folclore, que acaba por reduzi-lo a um conceito incompleto. Devemos olhar para os fatos folclóricos, como constituintes de uma realidade concreta e dinâmica, que está em constante readaptação, de acordo com a sociedade na qual estão inseridos.

Foi pensando neste assunto que resolvi desenvolver o meu trabalho, centrado na questão conceitual dos temas folclore e cultura popular, e tentando fazer um mapeamento de uma região específica: a Região Sudeste.

Ao estudar a Região Sudeste, optei também por analisar apenas as Danças Folclóricas e as principais Festas Populares, visto que as primeiras estão, na maioria das vezes inseridas nas segundas.

A escolha pela dança, se justifica devido ao meu envolvimento com esta, desde os três anos de idade. Sendo assim, procurei fazer uma relação entre os conceitos de cultura popular e folclore com alguns temas que julgo ser importantes como educação, modernidade, entre outros.

O estudo descritivo de algumas Danças Folclóricas me permitiu um olhar mais crítico em relação a elas, tentando perceber como, com o passar dos anos elas foram

se modificando e como assumiram alguns novos significados de acordo com o meio no qual se manifestam.

O objetivo principal deste trabalho é o de despertar o interesse dos leitores em relação a este conteúdo, priorizando as Danças Folclóricas da nossa região, além de possibilitar que eles entrem em contato com diferentes tipos de danças e diferentes símbolos próprios da cultura a que pertencem e de outras também.

CAPÍTULO 1 - O Folclore

Levando em consideração as diversas definições da palavra folclore, julgo importante reunir algumas delas, a fim de analisarmos como diversos autores brasileiros o definem, procurando entender o tema a partir de uma contextualização nacional.

Um dos primeiros autores brasileiros que definiu a palavra folclore, foi João Ribeiro (19...), para quem folclore é:

“...uma pesquisa da psicologia dos povos, das suas idéias e de seus sentimentos comuns, do seu inconsciente, feito e refeito secularmente e que constitui a fonte viva donde saem os gênios e as individualidades de escol. É como a linguagem cotidiana e vulgar em confronto com a expressão altíloqua dos escritores e dos poetas”.

(Ribeiro, 19.., p.29)

Artur Ramos(....), em seu livro Estudos do Folk-lore, considera o termo como *“uma divisão da Antropologia cultural que estuda aqueles aspectos da cultura de qualquer povo, que dizem respeito à literatura tradicional: mitos, contos, fábulas, adivinhas, música e poesia, provérbios, sabedoria tradicional e anônima”.*

Luís da Câmara Cascudo (1954), por sua vez define:

“Todos os países do Mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais. Esse patrimônio é o folclore. Folk ,povo,

nação, família, parentalha. Lore, instrução, conhecimento, sabedoria, na acepção da consciência individual do saber”.

No Congresso Internacional de Folclore realizado em São Paulo em 1954, a Comissão Paulista de Folclore apresentou esta definição de fato folclórico, redigida por Rossini Tavares de Lima, Lizete Toledo Ribeiro Nogueira e Oracy Nogueira: *“Considera-se o fato folclórico toda maneira de sentir, pensar e agir que constitui uma expressão da experiência peculiar de vida de qualquer coletividade humana, integrada numa sociedade civilizada”.*

Acredito ser importante fazer alguns esclarecimentos a respeito do que chamamos de folclore e do que chamamos de cultura popular.

Há autores que consideram o folclore como sendo tudo o que o homem do povo faz e reproduz como tradição. Outros, o reduzem a uma pequena parte das tradições populares. Existem também os que o ampliam de uma tal maneira, que acabam considerando o seu domínio tão grande quanto o do que é cultura. Assim, acaba-se considerando as duas palavras: folclore e cultura popular como sinônimas.

Para facilitar o entendimento do folclore, devemos retomar o conceito de *cultura*. Os autores Americo Pellegrini Filho e Yolanda Lhullier Santos (1989), no livro *ANTROPOLOGIA CULTURAL & FOLCLORE*, consideram a existência de três tipos de cultura. O primeiro tipo é marcado pela erudição, pela sofisticação tecnológica, por instrumentos jurídicos, formas de governo, códigos de ética, códigos em que se baseiam as religiões, metodologia científica, entidades estabelecidas, modelos organizados para expressão artística, transmissão de conteúdos por processos escolares formais e através de meios industrializados de comunicação social (livro, televisão, rádio, jornal, cinema, etc.). Trata-se do que chamamos de “cultura erudita” ou “cultura institucionalizada”.

Depois de erudição, vejamos outro tipo de cultura: a *de massa*, norteadas por alguns fatores como a alfabetização em larga escala, grande produção industrial de meios de comunicação e difusão de idéias, tecnologia sofisticada permitindo enorme reprodução de veículos de comunicação e gêneros artísticos, ampliação do consumo desse produtos industriais, etc.

Falemos agora do que nos interessa: *a cultura popular*. Este termo refere-se às manifestações de domínio coletivo, cuja transmissão não depende dessa mídias sofisticadas mas é feita pessoa a pessoa (relações interpessoais) ou grupo a grupo (contatos intergrupais); ouvir e repetir, ver e aprender.

O termo cultura popular geralmente é associado a algo primitivo, revelando o preconceito que temos em relação a tudo o que é do povo. Esse preconceito talvez tenha surgido desde a criação das sociedades industriais capitalistas, que separou o trabalho manual do intelectual. A partir daí houve uma desvalorização do trabalho manual e uma associação do popular com o fazer, ou seja, desprovido de saber.

Essa diferenciação *cultura erudita x cultura de massa x cultura popular* pode lavar a desvios, quando não a preconceitos. Um deles, é o de se considerar a existência do folclore apenas nas classes desfavorecidas, de menor renda, de menor erudição.

Mas, ao contrário de alguns autores que consideram que o folclore se manifesta exclusivamente nas camadas populacionais não escolarizadas, observamos que a cultura é própria de todos os estratos populacionais, em toda e qualquer sociedade. Então, por que não admitir a existência do folclore – que é cultura- em todos os estratos populacionais? Encaremos então os dois termos acima citados: folclore e cultura popular como sinônimos.

Ainda permeando essa questão da instrução, relacionemos agora o folclore com a Educação. Segundo a autora Laura Della Mônica (1976), ao pensarmos no objetivo do seu ensino, podemos levantar duas categorias de objetivos: os objetivos educacionais e os objetivos instrucionais.

Como objetivos educacionais podemos identificar as proposições sobre as mudanças desejadas: informar aos alunos dos fatos folclóricos tradicionais ou não, que possam dar subsídios a sua formação; dar condições para que os alunos compreendam o valor das manifestações folclóricas, dentro das áreas geográficas, através das mais diversas formas de comunicação audiovisuais, ou mesmo assistindo às representações; focar o conteúdo do programa do ponto de vista sociocultural e artístico; criar condições para o contato com o folclore e manuseio de bibliografia com o estudo do folclore comparado; entre outros.

Já os objetivos instrucionais consistem numa maior especificação dos objetivos educacionais e na operacionalização dos mesmos.

O autor Renato Almeida (1987), ao tratar do tópico Folclore e Educação questiona: quais os propósitos do estudo do folclore? Ele acredita que o conhecimento do folclore permite desvendar a mentalidade “primitiva” e popular e, através dele, traçar caminhos que nos levarão a conclusões relativas a todos os aspectos da vida humana, sejam de ordem psíquica, sejam de natureza social, política, econômica, artística, etc.

A necessidade de conhecer a mentalidade do homem humilde do campo, as suas necessidades, as suas práticas, as reações, permite que se estabeleça planos que não sejam sacrificados por um vago empirismo. Todo o Folclore do campo, os hábitos, tanto quanto as superstições, devem ser investigados, e, cada dado folclórico importará como contribuição inestimável na nova estrutura a ser adotada. Portanto, o

folclore, disciplina humanística, sendo um instrumento de pesquisa e interpretação da alma popular, seu ensino não pode ser minimizado, pelo menos na época em que vivemos.

Outro ponto chave levantado diz respeito a necessidade de se levar em conta a necessidade do Folclore ser ensinado nas escolas de formação de professores, a fim de que o possam utilizar na sua ação pedagógica.

O educador deve encarar o folclore como informação e formação, pois como informação é um fim, e, como formação, um meio acentuando ainda que, ambos os critérios, possuem objetivos imediatos que às vezes, não são procurados, mas se cumprem naturalmente.

Levando em consideração as definições feitas acima sobre folclore e sobre cultura popular, optamos por voltar o nosso estudo para o que chamaremos de fato folclórico, acreditando ser este uma denominação mais adequada.

1.1 O fato folclórico

Segundo MÔNICA (1976), o fato folclórico modifica-se, transforma-se de região para região de acordo com o meio social, sempre subordinado aos processos da dinâmica cultural. Considerando que não há imposição em sua manifestação, são características marcantes o seu caráter espontâneo e o seu poder de motivação sobre os componentes de uma referida comunidade, que o exprimem e o identificam como fenômeno social vivido e revivido, inspirando e orientando comportamentos.

“Como expressão da experiência, o fato folclórico é sempre atual, isto é, encontra-se em constante reatualização. Portanto, sua concepção como sobrevivência, como anacronismo ou vestígio de um passado mais ou menos remoto, reflete o etnocentrismo(...) Como

expressão da experiência de vida peculiar da coletividade, o fato folclórico se contrapõe à moda, como à arte, à ciência e a técnicas eruditas modernas, ainda que estas lhe possam dar origem”
(FERNANDES, 1978:25).

Com esses dizeres, Florestan Fernandes nos instiga a refletir sobre a origem do fato folclórico e sobre sua função. O antropólogo Saul Martins (1986), nos orienta neste exercício, quando afirma que todo fato folclórico, possui um motivo originário, que deve ser estudado e entendido, para a compreensão da sua existência. Em seus estudos, salienta as funções do folclore agindo nas esferas do social, do lazer, da religiosidade, da estética e de tantas outras áreas do universo humano.

Ainda segundo o mesmo autor, a função do folclore é preservar as experiências culturais básicas, na interação e no relacionamento social, nos aspectos recreacionais tangíveis à alegria e ao prazer, na crítica e posicionamento político-social e na motivação artística, observando que muitas vezes a arte popular é o ponto de partida para outras manifestações, seja, artísticas e/ou socioculturais.

Rossine Tavares Lima em 1952, definiu o fato folclórico como,

“ tudo o que resulta do pensamento, sentimento e da ação do povo, cujo habitat preferencial é constituído pelo meio popular, isto é, o espaço em que vivem os grupos sociais do campo e da cidade, menos influenciados pela ciência oficial, pela intelectualidade de um país civilizado(...), pode ser criado, ou aceito e adaptado, recriado pela simples imitação (...), além de poder substituir na grande burguesia e entre os homens do mais alto nível de instrução e pensamento, pois na realidade não há muralhas que sejam obstáculos a que o folclore se difunda por todos os grupos sociais”. (p.21).

Em resumo, podemos afirmar que o fato folclórico existe em todos os níveis sociais; aculturado ou aculturando-se é a representação máxima da maneira de sentir, pensar e agir da gente.

Segundo Laura Della Mônica (1976), vamos encontrá-lo na Praça da Sé, com os vendedores de bilhetes de loteria, nas portas dos circos, com os pipoqueiros e fazedores de algodão-doce; na boca do repentista, na fala da Bernúncia do Boi-Mamão de Santa Catarina, na poesia dos cantadores e dançadores de Cateretê ou Catira, do Carimbó ou São Gonçalo. Esta na ciranda que a criançada, ainda cria na calçada de seu bairro, nas orações para a Santa Ifigênia, protetora do lar, enfim, está na sua, na minha casa, nas escolas, nas ruas, nos escritórios, nas redações dos jornais, nos teatros, nas tevês. Ele está vizinho, junto da gente, dentro da gente, no nosso dia-a-dia. Mas às vezes, não o compreendemos bem ou nos envergonhamos dele, por isso, passamos uma camadinha de verniz e saímos por aí, contando vantagens.

Levando em consideração as definições de fato folclórico citadas acima, e a relevância do seu estudo, optamos por estudar o fato folclórico de acordo com a sua existência em uma região do país: a região Sudeste.

Escolhemos essa região porque por ser a que moramos, o que facilitará o nossos estudos. Os estados estudados serão os que compõem esta região, ou seja: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Começamos pelo estado de São Paulo.

CAPÍTULO 2 - A Região Sudeste

• São Paulo

O paulista madrugou no processo da civilização da terra descoberta- o Brasil. Em 1532, a capitania de São Vicente foi doada a Martin Afonso de Souza. Eram mais de cem léguas de costa. Separando o litoral do interior estava a serra do Mar com as suas florestas e os seus perigos. Mas os paulistas do litoral, de São Vicente, desbravaram as florestas, subiram a serra e alcançaram o planalto.

O português miscigenou-se logo com a índia. Surgiu o mameluco, herdeiro do português e do índio. O mameluco trazia do português o desejo de vencer mares e terras, e do índio a vontade de andar, ser nômade, não se fixar.

O Brasil precisava de mão-de-obra para trabalhar nos canaviais. Os paulistas organizaram bandeiras (expedições armadas que partiam para o interior) para capturar índios. Mas, o índio não se adaptou ao trabalho sedentário. O escravo negro veio da África trazido pelos portugueses, para substituir o escravo indígena.

As bandeiras paulistas, partem agora para o interior com uma outra meta: descobrir ouro e pedras preciosas. Passada a febre do ouro, São Paulo permanece parada durante alguns anos, até que um dia, o café penetra nas terras paulistas, vindo pelo vale do rio Paraíba do Sul, no fim do século XVIII.

Assim, o pólo econômico brasileiro deixa de ser o Nordeste, com os seus engenhos de açúcar, e se desloca para São Paulo, para ao café. É a época dos grandes senhores cafeicultores, barões, senadores e ministros do Império. A república surgiu quando o café e os cafeicultores dominavam a política nacional. O café foi responsável pela industrialização.

No litoral paulista permaneceu o mameluco (mestiço de índio e branco), continuando a técnica da pesca ensinada pelos portugueses, usando a ubá (canoa) indígena. É o caiçara comedor de peixe e de farinha de mandioca. O alegre dançador de fandango.

O caipira paulista é também o mameluco, que nasceu no planalto e depois fixou-se nos grotões da serra. É o paulista legítimo que tem dentro de si a valentia lusitana e a calma do índio. É o branco amorenado pelos trópicos e pelo sangue tupi.

A partir de 1877, chegam os imigrantes ao Brasil. De 1877 a 1914 ingressaram no nosso país quase 2 milhões de imigrantes. Cerca de 800 mil italianos se fixaram em São Paulo, que foi chamada “cidade dos italianos”.

Os colonos foram trabalhar nas fazendas de café. Os alemães se tornaram autênticos paulistas; depois, chegaram os sírios e os japoneses. São Paulo tornou-se uma cidade cosmopolita. Mistura de línguas e costumes.

Os paulistas aprenderam com os portugueses o artesanato em cerâmica, criando o hábito de armar um presépio (grupos de figuras representando o nascimento de Cristo). Além do presépio são confeccionadas também várias outras peças, com formas e tamanhos variados.

Outra atividade artesanal desenvolvida pelos paulistas é a confecção de colchas na roca. A roca compõe-se de um pedal sob uma banquetta que movimenta a roda. Na roda, passa um fio que faz girar o fuso. O fio fiado vai se enrolando no fuso. O fuso cheio é chamado de maçaroca.

O carro de boi foi o primeiro veículo que percorreu as terras brasileiras. Carregando peças pesadas da nossa artilharia, participou de todas as nossas lutas. Mas, que não conhece um carro de boi? É composto por três peças principais: rodas, eixo e mesa. As rodas são de madeira maciça, resistentes; medem em geral, sete

palmas de altura. O eixo é encaixado nas rodas com grampos de ferro. A mesa é a parte de cima. Tem no centro um pau de madeira resistente (o cabeçalho) onde uma junta de bois se engata. O número de juntas de bois para puxar um carro varia: duas, quatro ou cinco. O carreiro (condutor do carro de boi), usa uma vara com ferrão na ponta para tanger os bois.

Já que estamos falando de técnicas tradicionais de trabalho, não podemos nos esquecer da máquina mais primitiva de moer cana-de-açúcar: a engenhoca ou descoraçador. Constituída de dois cilindros de madeira dura, colocados sobre as forquilhas que ficam ao lado, sendo que cada cilindro tem na sua extremidade dois cambitos (pedaços de madeira). Sob o cilindro inferior pregam um pedaço de folha de zinco: é a bica por onde escorre a garapa (caldo de cana).

Falemos um pouco agora do litoral paulista. Em 22 de janeiro de 1502, a primeira expedição exploradora portuguesa tocou o atual litoral paulista. Este local recebeu o nome de São Vicente. Nesta região, em 1532, Martin Afonso de Souza fundou a Vila São Vicente, a primeira do Brasil.

A vida do litoral

O litoral paulista passou a dormir embalado pelas ondas do mar, batido pelas quilhas dos barcos, que com suas redes buscavam o peixe abundante. Santos, chegou a tornar-se o porto ,ais importante do Brasil, por causa do café.

As cidades litorâneas como São Sebastião, Guarujá, Ubatuba, Caraguatatuba, Ilha Bela, Itanhahém, Peruíbe, Cananéia, entre outras são pontos turísticos bastante visitados. A revigoração destas cidades, proporcionada pelo turismo, fizeram com que as práticas arcaicas da pesca litorânea do pescador tradicional, do puxador de rede, do caiçara, fossem morrendo.

Além dos caiçaras, podemos também falar dos peões, que eram os homens indispensáveis no trabalho do campo, principalmente nas fazendas para criar e conduzir a tropa.

O lenhador também é outra figura característica do litoral paulista. Derrubava as madeiras de lei (madeira de ótima qualidade): as caviúnas, as perobeiras, os jacarandás, os ipês, as canelas.

Os usos e costumes do paulista podem ser muito bem caracterizados pelo tão conhecido forno caipira. Quem é que nunca experimentou uma deliciosa comida preparada no forno à lenha?

As comidas típicas são características de uma época antiga, época em que a vida dos paulistas era mais tranquila. Os doces, descendentes da culinária portuguesa, se “abrasileiraram”, em virtude do aproveitamento das frutas tropicais. Por ocasião das festas populares os tabuleiros e as cestas de doces eram levados às ruas.

• Rio de Janeiro

No dia 21 de dezembro de 1501, Américo Vespúcio, na sua rota de exploração, alcançou um cabo. Era dia de São Tomé, por isso o cabo recebeu o nome de santo.

Em 1502, no primeiro dia do ano, passaram pelas águas de uma baía. Mais parecia um rio: o Rio de Janeiro.

Em 1555 os franceses pretenderam instalar na região a França Antártica. Os portugueses resistiram e expulsaram os franceses. Em 1710, os franceses voltaram a cobiçar as terras. Aos poucos, a região foi sendo povoada, desenvolveu-se e enriqueceu. Em 1763 Salvador perdia o posto de capital do Brasil, posição esta que passou a ser ocupada pelo Rio de Janeiro.

Considerada como a cidade dos contrastes: de bairros ricos e das favelas dos morros, o Rio de Janeiro foi palco de grandes acontecimentos do país.

Desde o início do século XVII, pensava-se em instalar uma siderurgia no Brasil, projeto de Afonso Sardinha, mas foi só em 1930 que se começou a fazer algo de concreto. Getúlio Vargas fez da siderurgia programa de seu governo.

Em 1941 a promessa começa a ser cumprida. Os trabalhos têm início na Santa Cecília, em terras fluminenses. Numa volta do rio Paraíba do Sul, Volta Redonda. Em 1946 instalava-se a Usina Siderúrgica de Volta Redonda. Assim, em todas as áreas industriais passou-se a usar o aço nacional.

• Minas Gerais

Enquanto no litoral buscavam o pau-brasil que despertou a cobiça dos franceses e de outros povos, no interior, buscavam-se as minas, os tesouros. Braz Cubas e Luiz Martins, em 1560, começaram a penetrar em Minas Gerais, pelo rio Paraíba, transpondo a Mantiqueira.

Em 1675 estabeleceram-se os primeiros povoados em Minas Gerais. Este povoamento é diferente do povoamento pastoril. Os mineradores de ouro e diamante vão para os lugares mais distantes, havendo entre um povoado e outro um grande espaço vazio.

Com a descoberta do ouro em abundância os arraiais se tornaram mais estáveis. Transformaram-se em cidades, geralmente em torno de uma capela. O povoamento foi maior na região Centro - sudeste de Minas. Surgiram as tão famosas cidades de Mariana, Ouro Preto, São João del Rey, Pitangui, Tiradentes.

As lutas entre brasileiros e portugueses, pelo controle do país e do ouro, atingiram seu ponto máximo com a Inconfidência Mineira.

Naquela época, a economia da região decorria do ouro e do diamante. Surgiram outras atividades ao lado destas: fabricação de farinha de mandioca, plantação de milho, cana-de-açúcar e criação de gado.

Sendo o minério uma das grandes fontes de riqueza do Estado de Minas Gerais, não podemos deixar de falar do minerador. Ele não é o garimpeiro do Centro - oeste, transformador de paisagem, mas sim o empregado das grandes firmas exploradoras de solo e sub-solo.

Os grandes vazios formados entre as cidades mineiras citados anteriormente, foram conquistados pela pecuária. Surgiram as imensas fazendas onde faziam o aproveitamento imediato de leite, na produção de queijos e manteiga.

Na política, no fim do Império e começo da República, os mineiros, senhores de fazendas, tomaram uma parte importante da administração pública. Quando os fazendeiros paulistas do café dominaram a política, aliados aos mineiros, surgiu a chamada política do café-com-leite.

O habitante do meio rural procurava morar nas proximidades do rio, riacho, lugar onde houvesse água. Sendo plantador de milho, possuía uma das mais prestativas máquinas: o monjolo. Introduzido no Brasil pelos portugueses, era uma máquina rudimentar movida à água, constando de duas peças distintas: pilão e haste. Vários eram os tipos de monjolo: de martelo, de roda, de pé, de rabo, de pilão de água. Para proteger o monjolo da ação do tempo, sol e chuva, faziam uma casa de pau-a-pique, coberta de sapé.

Os mineiros expressavam seu espírito criador na escultura em madeira a na pedra –sabão. Então, como não falar em Aleijadinho, que deixou esculpidas as mais belas imagens na madeira, representando a Via Sacra?

É importante falar também da criação das tão famosas repúblicas de estudantes. Em Ouro Preto, podemos dizer que se iniciaram as primeiras, formadas por dez ou doze estudantes que rateavam as despesas com alimentação, arrumação, etc.

Lembramo-nos também de Ouro Preto, quando pensamos nas serenatas, que chegaram até nós através dos portugueses. Sempre em forma de poesia musical romântica, as serenatas eram cantadas à noite, e os seresteiros passavam horas e horas, à porta de suas amadas, molhados pelo sereno e embalados pelo som do violão, da flauta, do cavaquinho ou do bandolin.

• **Espírito Santo**

Caracterizado pelas culturas da banana, mandioca, café e cacau, e pelo considerável rebanho de gado de corte e de leite, o estado do Espírito Santo foi fundado, em 1535, por Vasco Fernandes Coutinho, que desembarcou com mais 60 companheiros na Baía de Santa Luzia.

Em 1873, iniciou-se a colonização do estado do Espírito Santo pelos italianos. Nesse período o estado era o mais atrasado do Império, fruto da proximidade das minas de ouro o que o tornou um território muito fechado e vigiado.

A população do estado no Espírito Santo no início da colonização era de 35.353 habitantes, assim distribuídos: 8094 brancos, 5.788 índios, 5.601 pardos livres, 2.682 negros livres e 13.188 escravos.

CAPÍTULO 3 - As Festas e as Danças da Região Sudeste

Ao pensarmos no Brasil como um país totalmente influenciado por raças, como a portuguesa, a indígena, a africana e outras, perceberemos que nossa herança cultural é o resultado direto de todas essas influências. Costumamos dizer que o Brasil tem tantos folclores quanto estados.

O tipo de colonização de cada região determina as bases das diversas danças existentes, e é por isso que, às vezes, encontramos danças com traços comuns. Esses traços, misturados ao meio ambiente, acabam por produzir o que chamamos de folclore local. O maior dos traços comuns que encontramos entre as danças, é que todas possuem natureza religiosa ou estão ligadas à celebração de alguma festa religiosa.

As atividades folclóricas religiosas ou pagãs são, normalmente, manifestações festivas, organizadas pelas comunidades, e que se realizam em lugares públicos, com louvor principalmente, a santos padroeiros, como Nossa Senhora da Aparecida, Santo Antônio, Santo Expedito, Bom Jesus. São momentos em que a criatividade e a arte popular se revelam de forma diferenciada, por meio das máscaras de folia de Reis, dos enfeites ou na confecção de bandeiras, flores, ornamentos, bordados, cestarias ou crochês. Trata-se de uma arte que resulta da curiosidade, da tradição, da experimentação e da sensibilidade popular.

Levando –se em consideração que na maioria das vezes, as danças geralmente são realizadas nas festas populares, falaremos então um pouco das festas populares da Região Sudeste, e, posteriormente, falaremos especificamente das danças folclóricas.

As Danças Folclóricas

Por dança folclórica entendemos um baile cerimonial ou recreativo, com passos simples e repetitivos executados por membros de uma comunidade com laços culturais em comum, resultantes de um longo convívio (transmitidos de geração a geração), e troca e experiências.

Por participarem integralmente da vida comunitária, as danças folclóricas estão geralmente associadas a ocasiões específicas e a determinados grupos de pessoas. Há danças para as mais diversas atividades e ocasiões: plantio, colheita, pastoreio, pesca, tecelagem, nascimento, matrimônio, guerra, funeral, etc.

Elas podem ser religiosas ou profanas, embora quase todas as danças ritualísticas possuam um elemento social. Muitas delas estão intimamente relacionadas com formas musicais, particularmente com o ritmo e com o tempo do compasso. Ainda que nem todas as danças folclóricas exijam acompanhamento musical, a música é quase sempre de extrema relevância.

Há um traço comum em boa parte das danças folclóricas existentes, que é estar ligada a determinado momento da vida desses povos. Nas zonas campestres, longe da sofisticação dos centros urbanos, é que se mantém por mais tempo o sentido religioso das danças de favorecimento ou de agradecimento, sendo, é claro, modificado por aspectos dos novos costumes impostos pela modernidade.

• São Paulo

A FOLIA DO DIVINO

Estudiosos portugueses afirmam que a Festa do Divino Espírito Santo é de origem alemã, outros afirmam ter sido introduzida em Alemquer, Portugal, pela rainha Izabel, esposa de D. Dinis, o lavrador-rei.

O Brasil, nos fins do século XVIII, era colônia, mas de muito existia, nas vilas e freguesias, um Império... o do Divino. Eregido por ocasião das festas que lembravam a descida do Espírito Santo. Pertencia à paróquia a coros de prata, anualmente sorteada para coroar o imperador do Divino, o festeiro, a pessoa que tomaria o encargo da realização da festa.

Trata-se de uma festa de consumo após colheita; uma festa em que não é a esperança que domina (como na de São João), mas sim o agradecimento. Daí o aparecimento dos grandes, tradicionais e populares divertimentos, nesta ocasião: Cavalhadas, Touradas, Moçambique, Congada, Caipó, Batuque, Jongo, Cateretê, João Paulino e Dona Maria Angu, o Boi e a Miota, os Irmãos da Canoa, de acordo com as regiões.

Por se tratar de uma festa do povo, o festeiro contrata um grupo de cantadores- os foliões do Divino- para percorrerem o município todo, pedindo prendas para a festa.

Carregam como símbolo uma bandeira vermelha na qual está a figura do Divino – uma pomba. A bandeira é tratada com o máximo de respeito, sendo-lhe atribuídos dons especiais: medicinas e preventivos. Quando a folia visita uma casa, os foliões permitem que os doentes passem a bandeira em suas camas, para que possam ser curados.

A FESTA DO DIVINO NO TIETÊ

O Divino Espírito Santo é festejado em diversas partes do estado de São Paulo. Na região do Tietê, ela nasceu de um voto coletivo da população ribeirinha, que estava sempre desolada pelas febres, no século passado. Assim sendo, eles procuraram a proteção do Divino Espírito Santo.

Os “Irmãos da Canoa” formam uma confraria sem estatutos, sem reuniões, sem diretorias, onde há disciplina e fraternidade. São dois grupos: irmão do rio acima e irmão do rio abaixo. Sob o mesmo uniforme unem-se todos os devotos de uma só irmandade: a Irmandade do Divino Espírito Santo. Eles seguem uma disciplina muito rígida quando estão trabalhando para o Divino. Não bebem bebida alcoólica e trabalham gratuitamente. É uma forma de agradecer o muito que lhes fez o Divino.

Os grupos obedecem a um diretor (mestre) que é auxiliado pelo contramestre (o irmão andante). A irmandade tem regimento folclórico, oral, não há nada escrito. A folia é um grupo angariador de ofertas, chefiado por um violeiro famoso e um tocador de triângulos e outro de caixa. O salveiro conduz o trabuco (espécie de espingarda) para dar os avisos de partida. O bandeiro conduz a bandeira.

O último domingo de todos os anos é o dia máximo de festa: o encontro das canoas. As do rio abaixo com as do rio acima. O encontro é festejado com rojões e bombas. Romeiros, festeiros e autoridades seguem para a igreja matriz, onde a festa acaba.

FESTAS JUNINAS

No inverno, em todo o Brasil, são realizadas as festas de Santa Cruz (3 de maio) e as juninas: Santo Antônio (13 de junho), São João (24 de junho) e São Pedro (29 de junho).

A festa de São João é profundamente humana e revive rituais do fogo, no culto a um santo da Igreja Católica: São João Batista, o precursor de Cristo; é realizada na véspera do seu dia . Trata-se de uma festa presente em todas as áreas culturais brasileiras, girando sempre em torno do fogo. Nela, tiram sortes, prevendo o futuro, os casamentos, viagens, etc. Come-se muito durante toda a noite; dança-se quadrilha, bebe-se muito quentão e vinho quente.

A fogueira é geralmente acesa pelo dono da festa, o dono da casa, logo que o sol se põe. Soltam-se balões com recados para o santo, e acredita-se que se eles subirem, os pedidos serão atendidos.

Danças Folclóricas do Estado de São Paulo

CONGADA

A presença desta dança popular é assinalada no Brasil-colônia, no tempo dos vice-reis, do Ceará ao Rio Grande do Sul. Trata-se de uma adaptação da “Canção de Rolando”, epopéia francesa, que chegou até nós através dos jesuítas, que a usaram na obra de conversão da catequese. Tinha a função de sublimar o instinto guerreiro do negro, criando uma luta irreal de cristãos e pagãos (mouros).

Na Congada existem dois grupos de negros, que entram em luta; é a luta do Bem e do Mal. O Bem é representado pelos cristãos e o mal é o grupo de mouros. O bem usa roupa azul e o Mal vermelha. Há lutas, embaixadas, cantos, e, sempre os cristãos vencem os mouros, que são batizados no final. Todos juntos fazem a festa em louvor a São Benedito, padroeiro dos negros, em todo o Brasil.

As violas, o canzá (reco-reco), caixas, tambores, acompanham os cantadores. A Congada é um dos mais notáveis bailados do Brasil, sendo, como já foi dito anteriormente, um grande atrativo das festas do Divino Espírito Santo.

Atualmente, as Congadas aparecem na forma de préritos (cortejos), os participantes cantando e dançando, em festas religiosas ou profanas, homenageando de forma especial, São Benedito. Muitos desses folguedos cumprem também um papel auxiliar no catolicismo popular, ajudando os devotos a cumprir suas promessas.

Sua instrumentação varia em cada região, havendo destaque para a percussão, sempre com muito peso estimulando muitos momentos de bailados vigorosos e manobras complicadas. Há congos de sainhas, com grande quantidade de caixas, com chapéus de fitas, com manejos de bastões e espadas (alguns grupos exibindo exemplares dos Exércitos dos tempos do Império e início da República).

Às vezes possuem reinado (rei, rainha, vassalagem) envolvendo parte dramática com embaixadas e lutas. Dentre estes, as mais completas são as congadas do Litoral Norte (Ilhabela e São Sebastião), por suas estruturas complexas e presença de marimbas.

BATUQUE

O batuque é uma dança de origem africana, do ritual da procriação. Foi severamente proibida na época colonial pelos padres, mas, os fazendeiros, que tinham interesse em aumentar o número de escravos, acabavam permitindo que ela fosse realizada.

É dançado em terreiro ou praça pública. Uma fileira de homens fica ao lado dos tocadores; as mulheres ficam a uns quinze metros de distância. Então, começa a dança, começam as umbigadas; cada homem, dançando dá três umbigadas numa mulher, enquanto os músicos tocam. Há um batuqueiro “modista” que faz a poesia, os versos, primeiro um solo, e, em seguida o coro é feito por todos que estão batucando.

O FANDANGO

O fandango freqüentou palácios, fez sarcotear a aristocracia brasileira, sendo depois adotado pelo povo. No Nordeste do Brasil, o fandango é um bailado popular, também chamado de marujada. No Sul, o fandango é uma dança individual, ou de pares, acompanhada em geral por violas.

As danças do fandango recebem diversos nomes: andorinha, anu-chorado, anu-velho, chamarrita, chimarrete, gracinha, marrafa, manjerição, tontinha, tirana, tiraninha, pagará, monada, vilão de lenço, vilão de agulha, mandado.

No litoral paulista dividem o fandango em dois grupos: fandango rufado ou batido e fandango bailado ou valsado, de acordo com os passos. A popularização do fandango foi tanta que seus praticantes passaram a ser considerados vadios.

Na cidade de Cananéia e em outras localidades do beira-mar paulista, o fandango rufado com passos marcados, com batidas de pés, é dançado até a meia-noite. Depois dançam os fandangos valsados, mais calmos... Até que o dia aparece, então fecham as janelas das casas e começa a “saideira”, o fandango recortado, vivíssimo. Chega a hora da despedida.

O Fandango continua a designar até hoje, no Interior e Litoral Sul e Norte bailões de sítio; folganças com que se animam ocasiões especiais (casamentos e aniversários), uma verdadeira “suíte de danças”.

SAMBA-LENÇO

O samba é uma dança de origem africana. A palavra “samba” significa umbigada, na língua angolosa. Em São Paulo, ele é sambado no meio urbano- o samba de salão- e, no meio rural há três modalidades: samba de roda, samba cmpineiro e samba-de-lenço.

No samba-lenço duas filas se defrontam; homens e mulheres ficam com um lenço na mão, com o qual acenam para o cavalheiro ou para a dama; a iniciativa de dançar pode partir tanto do homem quanto da mulher. O sambista sai da fileira e acena para a pessoa com quem quer dançar; forma-se então o par dançante, que vai para o centro.

O instrumento musical fundamental para acompanhar a dança é a caixa, que varia de tamanho. Alguns sambas se apresentam com cinco ou seis caixas, outros com

uma ou duas; às vezes, usam-se também pandeiros e guaiás (instrumento de percussão, espécie de chocalho).

MOÇAMBIQUE

Não sabemos a sua origem , embora o nome –Moçambique, leve muitos a dar-lhe origem africana , apesar de não ter sido trazido pelos escravos. Trata-se de uma dança guerreira muito antiga , na Inglaterra é conhecida por “ morris dance”, dança moura. Assemelha-se à dança dos pauliteiros de Miranda, cidade de Portugal.

Acredita-se que tenha sido praticada pelos mouros na península ibérica, e não foi difícil ao catequista português, aproveitá-la na catequese no Brasil como precioso fator de recreação popular.

No bailado do Moçambique existem várias danças com nomes religiosos: Escada de São Benedito, Estrela da Guia, etc. O canto é um louvor a São Benedito, daí a lenda de que foi este santo quem inventou a dança para alegrar seus devotos.

O regulamento é oral e são normas simples, criadas pelos grupos que dirigem as “Companhias de São Benedito”. Para dançar usam bastões de madeira, que são batidos como espadas. Saltam e desenvolvem uma coreografia complicada sob o comando do tarol, reco-reco, pandeiros, rabeca, tamborins, violas.

• Rio de Janeiro

FOLIA DE REIS

Desde os primeiros tempos do cristianismo comemorou-se o nascimento de Jesus; os festejos foram regulamentados no ano 138 pelo papa São Telésforo, o nono sucessor de São Pedro. Como não tinha uma data fixa, a festa acontecia ora em janeiro, ora em abril. Foi o papa Júlio I, em 376, que fixou a data de 25 de dezembro.

A Epifania era uma festa coletiva de vários fatos da vida de Jesus, que também não tinha data fixa. Na Roma pagã, o dia 6 de janeiro era dedicado a celebração do tríplice triunfo de Augusto César, o pacificador do império. Por este motivo, a Igreja escolheu esse dia para comemorar uma festa religiosa, festa esta que celebra a manifestação da divindade de Cristo, ou o dia da Adoração dos Reis.

A festa começa na noite 24 de dezembro e vai até 6 de janeiro ou 2 de fevereiro. Os grupos saem cantando e louvando o nascimento do Deus-Menino. Os foliões de Reis imitam os Reis Magos, que viajavam guiados pela estrela de Belém. As folias que percorrem as cidades são chamadas de Folias de Reis de Música, quando percorrem a zona rural, são as Folias de Reis de Caixa.

FOLIA DE REIS DE MÚSICA

O canto começa depois das 22 horas. Só termina às quatro ou cinco da manhã. O grupo pode sair todas as noites, do Natal até a noite de Reis, mas, se por algum motivo os foliões não puderem sair, as festas serão feitas todos os sábados à noite e nas vésperas de dias santos. Mas, só até 2 de fevereiro, dia de Nossa Senhora das Candeias; nesse dia, os presépios devem ser desarmados.

FOLIA DE REIS DE CAIXA

Comum nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, compõe-se de dois tocadores de viola, um tocador de caixa, outro da adulfê (pandeiro quadrado). O chefe da folia é o Alferes, que conduz lapinha e recebe as esmolas. Em alguns grupos aparecem os mascarados: Palhaço, Pai João, Catirina, Mocorongo e Bastião, eles são chamados de espias do rei Herodes.

As folias percorrem as casas da cidade ou os sítios e casas do campo. Segundo a tradição, quem acolhe os reis visitantes é abençoado.

O CARNAVAL E AS ESCOLAS DE SAMBA

Festa de origem européia, chamada antigamente de entrudo, foi introduzida no Brasil a partir da guerra do Paraguai. Com o tempo, o entrudo foi proibido em algumas cidades, pois pretendia-se transformar a festa numa comemoração de elite. No ano de 1840 o Rio de Janeiro assistia ao primeiro baile de salão.

O ZÉ PEREIRA

O Zé Pereira surgiu em 1846; era composto por um grupo de foliões de rua, com bumbos e tambores que faziam grande barulho depois das 22 horas de Sábado. Os cordões surgiram logo após e começaram a se organizar para desfilar pelas ruas do Rio. Eram formados só por homens, só por mulheres ou pelos dois.

Em Iguape, com seus grandes bumbos, caixas, taróis e pratos, empurravam os blocos nas ruas. Continuam a despertar a todos com sua pancadaria, executam os toques tradicionais: requintado, jambo, e o nego da cartola, os mais lentos, e o zé-pereira o mais ligeiro e conhecido,

Contam que, antigamente alguns zé-pereiras tinham mais de um bumbo, e tão grandes que tinham que ser carregados por duas pessoas- o da frente a segurá-lo às costas como uma mochila, e o de trás que o carregava preso aos ombros pela frente, enquanto o percutia.

O CORSO

Tratava-se de um enorme desfile de carros, que na maioria das vezes tinham as suas capotas rebaixadas. Foliões com serpentinas e confetes, cantavam e dançavam percorrendo uma extensão de mais de dez quilômetros.

AS PRIMEIRAS ESCOLAS

A primeira escola surgiu no bairro do Estácio, em 1928. Compositores, instrumentais e dançarinos se uniam para desfilar. As mulheres saíam vestidas de baianas e os homens vestiam roupas coloridas, camisas listradas e chapéus de palha.

A FESTA DE IEMANJÁ

A festa se repete todos os anos, na noite 31 de dezembro para 1º de janeiro. Nesse dia, os devotos da Macumba e da Umbanda vão prestar a sua homenagem a mais prestigiada entidade feminina do Candomblé: Iemanjá.

Quando a noite vem chegando, milhares de fiéis dirigem-se para a praia e festejam a Rainha do Mar que é a protetora das viagens marítimas e mãe de todos os orixás., levando flores, comidas e bebidas para oferecer.

Danças Folclóricas do Estado do Rio de Janeiro:

DANÇA DE VELHOS

A Dança dos Velhos aparece durante as festas do Divino Espírito Santo. Era uma dança de salão feita para divertir os “barões do café”, mas depois acabou sendo feita para o divertimento do povo das cidades também.

Os participantes vestem-se com roupas velhas, fraques, e cartolas antigos; usam um bastão como bengala; alguns usam também cabeleiras postiças, sapatos desparceirados. Os homens fantasiam-se de mulher, usam batas e saias compridas. Dançam ao som de valsinhas ou marchinhas tocadas por concertinas ou sanfonas. O grupo se exhibe pelas ruas da cidade, provocando o riso da multidão.

O JONGO AFRICANO

O Jongo é uma dança africana realizada por homens e mulheres. São usados instrumentos de percussão como tambu, candongueiro, biritador (atabaques de couro) e angóia (espécie de chocalho). A música serve para facilitar e coordenar os movimentos; o canto também tem papel importante.

Trazido pelos escravos vindos de Angola, o jongo formou-se nas terras por onde andou o café. Surgiu na Baixada Fluminense, subiu a Mantiqueira, persistindo na zona da Paraíba do Sul, Paraíba e Paraitinga.

A dança é realizada em casais; o dançador fica em frente a sua dama, que segura a saia delicadamente sem sair do lugar. Com meneios e requebros a mulher acompanha os galanteios do cavalheiro, enquanto outros casais se aproximam dançando.

Danças Folclóricas do Estado de Minas Gerais:

CAIAPÓ

O Caiapó é uma dança de influência indígena. O tema do bailado se desenvolve em torno do fato de ter sido o Curumim (menino índio) atacado por um homem branco. Todos os companheiros ficam em volta do curumim que morre; em desespero, a tribo suplica ao pajé para ressuscitá-lo com suas artes mágicas. O ritual se processa por meio de baforadas de fumo e exuberante mímica.

Uma vez ressuscitado, a dança continua, agora em outra praça, onde o mesmo drama é repetido, sem palavras, sem música, apenas com o ritmo para acompanhar os passos. Participam do bailado do Caiapó dez ou doze elementos: curumim, cacique ou pajé e os demais dançadores. Às vezes, apresenta-se também o porta-bandeira ou estandarte.

Os participantes usam roupas imitando índios: sobre o calção colocam um saiote de penas, usam cocar de penas coloridas, busto nu e pintado. Alguns amarram penas nas pernas; quando não pintam o rosto, usam máscaras com grandes penachos pintados de cores exóticas.

Danças Folclóricas do Estado do Espírito Santo:

TICUMBI

O Ticumbi é uma versão capixaba da Congada. Trata-se de uma dança dramática-guerreira, praticada por negros que se vestem de branco, usando juponas ou batas longas enfeitadas com fitas muito coloridas. Amarram na cabeça um lenço que lhes dá um “ ar de mouro”; sobre ele usam flores de diversas cores, e, às vezes usam também um chapéu de palha todo enfeitado.

No Ticumbi, dois reis negros, Rei Congo e Rei Bamba, lutam para ter o privilégio de realizar sozinho a festa de São Benedito, padroeiro dos negros no Brasil. Os dois reis se distinguem graças às coroas de papelão pintado de dourado que usam junto com uma capa longa de damasco ou cetim. Carregam também uma faixa “presidencial” que vai do ombro esquerdo até a cintura oposta, onde levam uma espada do “tempo do Império”. Cada rei escolhe para a sua corte uma cor, geralmente forte, que dará grande efeito nos mantos reais.

O Rei Bamba é vencido pelo Rei Congo e por este é batizado, com toda a sua corte. Então, todos dançam e cantam o Ticumbi se utilizando de instrumentos muito simples como chocalhos e uma viola.

Levando em consideração a descrição feita acima das danças da Região Sudeste, gostaria de sugerir que pensássemos na maneira como elas se manifestam atualmente. Será que elas não sofreram nenhuma modificação? Será que ainda ocorrem com a mesma freqüência e com as mesmas finalidades? Pensemos um pouco nas alterações acontecidas nas próprias cidades.

O processo de urbanização fez com elas se tornassem grandes centros, na maioria das vezes destinados à produção e à obtenção de lucros, seguindo a ordem capitalista. Pois bem, as manifestações populares como as danças, festas típicas, o

artesanato, não são mais as principais atividades desenvolvidas; foram substituídas por outras, decorrentes do ritmo de vida das grandes cidades.

3.1 FOLCLORE E MODERNISMO

Teorizar a velha questão do folclore e da cultura popular é sem dúvida, um grande desafio para a nossa imaginação conceitual. Julgamos ser importante o direito de retornar a discussão sobre o tema que continua sendo importante, apesar de um pouco deslocado do que se considera como questões centrais.

O autor José Jorge de Carvalho, nos remete ao problema de como nortear o estudo da cultura popular, no momento presente, levando em conta a articulação de diversos fatores sumamente complexos e dinâmicos, que, em muitos casos, ameaçam dissolver a delimitação de uma área exclusivamente tradicional da cultura popular.

Entre esses fatores encontram-se: a produção cultural vinculada aos meios de comunicação de massa; o turismo; a migração interna, entre outros.

Outro fator levantado é o processo de urbanização acelerada que passam nossos principais centros habitacionais nas últimas décadas, tais como a formação de círculos de interesse parcializado, grupos de integração intermitente capazes de gerar formas culturais novas e altamente sincréticas, as quais implicam um universo simbólico mais aberto e transitório, distinto do caráter totalizante e estável dos símbolos culturais tradicionais, e nem por isso, entregue inteiramente às mãos da indústria cultural.

Ainda sobre os efeitos da urbanização, no Brasil, a relação demográfica entre o campo e cidade se inverteu, e podemos afirmar que hoje setenta por cento da população do país vive em cidades. Com isso, a chamada cultura camponesa, que sempre foi o foco principal de atenção dos estudiosos de folclore, talvez já não venha a representar, em termos sociológicos, a parte majoritária da cultura popular. Além disso, passa a existir, também, um grande circuito de cultura rural nas cidades, na

medida em que numerosos grupos transplantados do interior são refeitos (e sua cultura, obviamente reinterpretada) no meio metropolitano. Assim vários símbolos que, no campo, funcionam como fortes elementos de caracterização e consolidação da identidade camponesa, passam a ser, na cidade, meras celebrações rituais do estilo camponês de vida.

Ainda assim, há algo de específico do folclore que não se perdeu: ele ainda funciona como um núcleo simbólico para expressar um certo tipo de sentimento, de convívio social e de visão de mundo que, ainda quando totalmente reinterpretado e revestido das modernas técnicas de difusão, continua sendo importante, porque remete à memória longa. Há uma mentalidade bem definida que se expressa em determinados objetos ou formas estéticas objetificadas - uma quadra em verso, uma vestimenta, um ritmo de tambor, um padrão de cores, etc., são signos diacríticos de uma experiência social muito particular. Por mais manipulados que sejam apontam para a continuidade da sociedade ao expressar um ideal de relações intensas de espírito comunitário, de uma afinidade básica, anterior ao individualismo moderno.

CONCLUSÃO:

“Ele é antiquado, depressa recua de primeiras cidadelas ao impacto do progresso e da indústria modernos; é o adversário do número em série, do produto estampado e do padrão patenteado...” (FERNANDES, 1978).

Embora não pareça, o que podemos perceber é que o folclore, ainda que inserido em um meio “contrastante” com o seu, continuou a existir, assumindo novas significações. Isto não implica em uma perda de identidade, apenas em uma readaptação de acordo com o contexto no qual está inserido.

Uma das minhas inquietações quando comecei a realizar este trabalho era o medo de que estas manifestações populares não acontecessem mais, que elas fossem substituídas pelas facilidades da tecnologia e pelos conhecimentos da ciência.

Mas, conforme fui desenvolvendo o meu estudo, percebi que as manifestações populares, ainda permanecem vivas, mesmo que sob uma nova ótica. O interessante então, é tentar entendê-las sempre relacionando-as a vida das pessoas, sempre buscando o seu significado, pois por mais óbvio que pareça, cada uma delas possui um “sentido original”, um motivo para acontecer.

A primeira intenção de trabalho era desenvolver uma proposta pedagógica que abordasse conteúdo Danças Folclóricas nas aulas de Educação Física. Depois, devido às dificuldades encontradas em relação a existência de material adequado, resolvi mudar um pouco o enfoque do meu estudo.

Optei por não mais elaborar uma proposta de trabalho, mas sim, estudar um pouco mais sobre as conceituações de folclore, partindo posteriormente para uma análise específica das Festas e das Danças Populares da Região Sudeste. Antes mesmo de analisar as Danças propriamente ditas, procurei saber um pouco mais sobre

cada Estado que compõe esta região, para conhecer melhor sobre o trabalho, sobre os costumes, sobre as influências, etc.

Terminada esta análise, procurei relacionar o que havia sido descrito com o que realmente observamos atualmente, tentando fazer uma ligação entre o folclore e modernismo.

Acreditando que alguns aspectos do folclore podem ser utilizados como atividades rítmicas adequadas para as aulas de Educação Física, devemos salientar ainda as possibilidades por ele apresentadas: recreativas, culturais e pedagógicas.

Como possibilidade recreativa podemos dizer que o folclore pode fornecer os temas para os jogos, brinquedos e rodas infantis; como possibilidade cultural, o folclore auxilia a preservar o acervo cultural e mesmo a integração de um povo. Finalizando, como possibilidade pedagógica dadas as suas características lúdicas e o seu conteúdo cultural comum de um mesmo grupo, o folclore, faz-se um método pedagógico por excelência.

Considerando os conteúdos da Cultura Corporal: Jogos, Lutas, Esportes, Ginástica e Dança, fica lançada a sugestão de se trabalhar com o conteúdo Danças Folclóricas nas aulas de Educação Física, tentando promover uma vivência articulada entre a dança e o fato folclórico, de uma maneira lúdica, crítica e criativa.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, R., Vivência e Projeção do Folclore. Ed. Livraria Agir, Rio de Janeiro, 1971.
- CASCUDO, L. da C., Antologia do Folclore Brasileiro. Ed. Livraria Martins, São Paulo.
- DINIZ, I. C. V. C., Anal X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – Metodologia do Ensino da Dança: tematizando fatos folclóricos, Vol. I, p. 613 – 619.
- FERNANDES, F., O folclore em questão. Ed. Hucitec, São Paulo, 1978.
- FILHO, A. P., Antologia de Folclore Brasileiro. Ed. Edart, São Paulo, 1982.
- , SANTOS, Y. L., Antropologia Cultural & Folclore. Ed. Olimpika, São Paulo, 1989.
- GONÇALVES, A. Brasil – Histórias, Costumes e Lendas. ED. Três.
- Instituto Nacional de Folclore, Coordenadoria de estudos e Pesquisa, Seminário Folclore e Cultura: as várias faces de um debate. IBAC, Rio de Janeiro, 1988.
- LIMA, R. T. de, Folclore das Festas Cíclicas. Ed. Irmãos Vitale.
- MARTINS, S. , Folclore: teoria e método, Ed. Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1986.
- MÔNICA, L. D., Manual de Folclore. Ed. AVB, São Paulo, 1976.